

# Paradoxos da Experiência e a Memória em “Nenhum, Nenhuma” e em *As Filhas do Arco-Íris*

Doutorando Eldio Pinto da Silva (UFRN)

## **Resumo:**

*Este trabalho destaca a relação entre personagens que representam a infância e a velhice no conto “Nenhum, Nenhuma” e no romance *As Filhas do Arco-Íris*, o que se observa nos textos é a perspectiva da infância e a resistência em sobreviver. Percebe-se que em “Nenhum, Nenhuma” há uma concepção de mundo esquecido que persiste na memória adormecida do narrador, enquanto que no romance de Eulício Farias, a memória do menino articula com a tradição popular divulgada nas estórias de Pai Estêvão. Assim, analisou-se a representação do menino e do velho em *Primeiras Estórias* e em *As Filhas do Arco-Íris*. Esta pesquisa tem por base o conceito de sistema literário consolidado idealizado por Antonio Candido e de estudiosos como: Walter Benjamin, Patrícia Carmello, Ana Paula Pacheco, Maria Lúcia Guimarães Faria, Serge Moscovici e outros.*

**Palavras-chave:** narrador, infância, velhice, experiência, memória.

## **1 Introdução**

Este trabalho analisa personagens que representam a infância e a velhice, tentando destacar aspectos desta relação no conto “Nenhum, Nenhuma” e no romance *As Filhas do Arco-Íris*. Observa-se a perspectiva da infância e a resistência em sobreviver. No caso de “Nenhum, Nenhuma”, o narrador recorda, quando criança, que estivera hospedado por vários dias numa fazenda e vira um casal de namorados ter que se separar porque a moça não podia abandonar uma velhinha que parecia teimar em viver. Já em *As Filhas do Arco-Íris*, mostra um narrador que se inspira em Pai Estêvão, um velho contador de estórias. Pai Estêvão detém muita experiência de vida, de conhecimento, que guarda muitos segredos na memória e que pela idade pode ter conhecido e vivido muitas coisas pelo sertão. Desse modo, ele transmite, através de relatos memoráveis, de suas lembranças, costumes e tradições.

A noção entre experiência e memória mostra que a relação entre a infância e a velhice se destaca na rememoração de uma sucessão de fatos e acontecimentos vividos. Isto quer dizer que o passado pode estar ou não disponível para rememorar, mas que se escapa da memória a todo instante. O narrador quando apreende uma lembrança, uma reminiscência, tenta reconstruir o passado, para isso tenta reelaborar as relações sociais. Assim, a questão da relação entre personagens que representam a infância e a velhice está presente no romance *As Filhas do Arco-Íris* e também no conto “Nenhum, Nenhuma”. O que se observa em alguns personagens dos textos em questão é a resistência em sobreviver aos anos de vida. O texto de Guimarães Rosa permite uma concepção de mundo esquecido que persiste na memória adormecida do narrador, enquanto que no romance de Eulício Farias, a memória do menino articula com a tradição popular divulgada nas estórias de Pai Estêvão.

O tempo percebido pelos narradores se refere a lembranças de pessoas bastante velhas e observações de quanto à velhice pode ser um tempo infinito, mas não como quem vai sobreviver para sempre, é infinito com possibilidades de intervenção da morte. Em alguns momentos, a indefinição do tempo de vida não se impõe ao conceito fundamental da morte.

## 2 “Nenhum, nenhuma”, uma experiência com a velha Nenha

O Menino, não se sabe se em sonho ou realidade, em companhia de um casal (o Moço e a Moça), de um homem tristonho e de uma velha velhíssima, de quem a Moça cuidava. O casal interrompe o relacionamento, e o Menino observa que o amor se conserva neles, mas se mantém uma impossibilidade de realização. Depois de perceber o amor verdadeiro, tornou-se insuportável para o menino observar o conformismo e a falta de paixão entre seus próprios pais. Para Vânia Maria Resende:

No conto “Nenhum, nenhuma”, de *Primeiras Estórias*, o Menino, com o mesmo caráter simbólico, entra no texto, demarcando margens entre as fases da infância e da vida adulta, respectivamente, definidas por uma concepção mítica e por uma concepção lógica ao se relacionarem com a realidade. (RESENDE, 1988, p. 32).

O Menino tenta compreender os dilemas da vida e a cumplicidade de sua memória. De início, o Menino não é reconhecido, logo o narrador passa a apresentar diferentes pontos-de-vista, nele se representa a voz do adulto que quer relembrar da infância e a voz do Menino na narrativa retoma esta ideia. De acordo com Bakhtin:

O próprio herói-narrador é representado do interior, de um modo igual ao que vivemos o mundo de nosso devaneio e de nossas recordações, onde figuramos como herói, um herói pouco assimilado aos outros que o rodeiam, com a diferença de que o narrador (distinguindo-se nisto do outro) está situado num plano interior - ainda que a distinção dos planos não seja normalmente muito nítida -, parece situar-se bem na fronteira da narração: ora ele está incorporado a ela representando o herói biográfico, ora tende a coincidir com o autor (o portador da forma) (BAKHTIN, 1997, p. 177).

A organização da memória tenta encontrar os segredos do passado e o narrador busca viver a representação de seu mundo adormecido, de seu tempo de criança. Percebe-se uma indefinição espaço-temporal que se articula com a questão do pensamento, da memória querendo restabelecer-se. Nas recordações do narrador, o presente atua com o passado, sendo que o passado conserva-se pelas lembranças isoladas de um lugar que se quer ressuscitar pela memória. Já para Patrícia Carmello, o espaço possui uma articulação com o tempo:

Em “Nenhum, Nenhuma”, a indefinição do espaço se articula com a questão do tempo, na medida em que todas as referências a espaços indefinidos misturam-se à memória perdida que o narrador tenta recuperar; o que ele talvez resuma da seguinte forma: “*As lembranças são outras distâncias...*”. (CARMELLO, 2003, p. 2).

O narrador procura remontar fatos perdidos, esquecidos, coisas que se passaram na infância. Tenta assim descobrir o que é real, uma verdade possível ou misteriosa e que se torna inacessível durante aquele instante. Desse modo, o narrador busca elementos que tragam lembranças da infância. Isso, sem dúvida, é um fator importante do conto, tanto que Guimarães Rosa explica:

No conto “NENHUM, NENHUMA”, é necessário sublinhar, ou pôr em grifo, as partes que sublinhei com lápis verde. Isto é indispensável, importantíssimo. Aquelas passagens, entremeadas, correspondem a outro plano: representam o esforço do Narrador, em solilóquio, tentando

recapturar a lembrança do que se passou em sua infância. Tá? (ROSA, 2003, p. 304)

O narrador articula sua passagem, vai buscando espaços em suas lembranças num caminho que mais parece um labirinto, encontrando portas, entradas e saídas após um árduo e doloroso esforço. Esse esforço incomoda sua memória, tanto pode ser compreendido como a recuperação de um sonho, ou uma regressão à infância.

A procura pelos acontecimentos da infância e suas relações sociais, tentando remontar momentos de descontração, no caso de *As Filhas do Arco-Íris*, e de revelações sobre o passado em “Nenhum, nenhuma”, constitui uma tentativa de descobrir um mundo em que se articula a vida e a morte e como essa relação pode modificar o presente para lançar um olhar ao futuro. Ao longo do caminho, ele enfrenta uma tensão entre seus arquivos na memória e o esquecimento instantâneo de toda a sua vida enquanto criança. Segundo Maria Lucia Guimarães de Faria:

Franz Karl Stanzel identifica três situações narrativas básicas: 1ª) a situação aural, que se caracteriza por um narrador onisciente, exterior ao mundo ficcional, que tem acesso à interioridade dos personagens; 2ª) a situação de 1ª pessoa, cuja característica central é a presença de dois eus, o eu-narrante e o eu-narrado, entre os quais se abre uma distância temporal, que acarreta uma metamorfose existencial; 3ª) a situação personativa, que se constrói sobre um acoplamento entre o narrador e um refletor. (FARIA, 2009, p. 1).

Nas primeiras imagens expostas no texto, o narrador passa por um caminho que desconhece e encontra dentro de um lugar, até o momento, estranho para suas reminiscências. A “casa-de-fazenda”, achada ao acaso, faz com que o leitor entre em um ambiente fechado, quase que abandonado. A mansão que se vê é um lugar distante, por trás das serras, ele não reconhece o lugar, imagina ser ou não uma fazenda, fica indeciso quanto às instalações:

Dentro da casa-de-fazenda, achada, ao acaso de outras várias e recomeçadas distâncias, passaram-se e passam-se, na retentiva da gente, irreversos grandes fatos - reflexos, relâmpagos, lampejos - pesados em obscuridade. A mansão, estranha fugindo, atrás de serras e serras, sempre, e à beira da mata de algum rio, que proíbe o imaginar. Ou talvez não tenha sido numa fazenda, nem no indescoberto rumo, nem tão longe? Não é possível saber-se, nunca mais. (ROSA, 2006, p. 97).

No ambiente, a sedução do momento traz uma voz silenciosa, que às vezes demora a falar. O grande instante é tentar reencontrar o Menino, por onde ele havia andado nos remotos tempos, em suas lembranças que não foram recordadas. Sobre o texto “Nenhum, Nenhuma”, Patrícia Carmello faz a seguinte reflexão: “A procura pelos fatos da infância que “*passaram e passam-se*” constitui uma tentativa de descobrir uma verdade misteriosa e inacessível, que se articule e modifique o presente, lançando novas luzes ao futuro.” (CARMELLO, 2003, p. 2). Ao tentar estabelecer a data das lembranças, ele encontra uma dúvida: o ano de 1914? Sendo que a Moça trazia de volta a data rememorada, isso vai rearranjando os segredos a serem revelados no momento. Os silêncios são elementos marcantes, se tenta marcar as falas, mas elas não acontecem. Também é importante destacar que o “jogo da memória” demarcado pelo narrador serve para demonstrar sua insegurança de revelar o momento, o espaço e o tempo.

A infância parece ter passado num piscar de olhos e agora reaparece para reconduzir o momento remontando aspectos resguardados na memória. Como foi sua longa viagem e por que voltou àquele lugar. Como um golpe na cabeça, as reminiscências da

longa viagem clareia seu pensamento para que possa retomar a consciência. Teria ele ido às estrelas e retornado aquele instante de luz. Logo repassa a observar a casa, rústica, sem história, as sombras, o colorido das paredes, a janela:

*Ultramuito, porém, houve o que há, por aquela parte, até onde o luar do meu mais-longe, o que certifico e sei. A casa - rústica ou solarenga - sem história visível, só por sombras, tintas surdas: a janela parapeitada, o patamar da escadaria, as vazias tarimbas dos escravos, o tumulto do gado? Se eu conseguir recordar, ganharei calma, se conseguisse religar-me: adivinhar o verdadeiro e real, já havido. Infância é coisa, coisa? (ROSA, 2006, p. 98-99).*

O narrador pede para recordar a infância, religar-se ao “verdadeiro e real” e lembra que a casa antes já esteve muito habitada, os pastos cheios de gado, os escravos se espalhavam no árduo trabalho de cuidar da fazenda, mas isso era coisa do passado e é esse passado que o narrador quer remontar e não consegue. Antes de começar a adivinhar a realidade, não deixa de manifestar a reação de estranheza de não reconhecer as passagens da infância. Parece que essas lembranças partiram com sua infância, mas mesmo assim ele tenta se comunicar com suas memórias infantis.

Tudo o que o narrador relata, mesmo de forma nebulosa, expõe uma visão fragmentada, distorcida e imprecisa, sua percepção da relação entre a Moça e o Moço é que se amavam, mas por algum motivo a Moça não abria mão de se manter naquele lugar, contrariando assim os desejos do Moço. Mas por que então o Menino estava ali? O que fazia no casarão? Quem o tinha levado lá? E sua família onde se encontrava, que o deixara naquele casarão? O que se revela é que ele vinha de uma longa viagem e ao ser colocado naquele lugar torna a vasculhar a casa.

Chegando à casa, o Menino não perde a ansiedade de conhecer tudo ao seu redor e caminhando pelas entradas dos cômodos, encontra um quarto indistinto, o qual todos passam a esconder dele. O que havia naquele quarto e por que de tanto segredo no compasso em que o Menino se destinava naquela direção? Então, a dúvida é um dos pontos mais marcantes, ele queria saber, essa incerteza de descobrir aquele lugar que se preservava de sua presença, isso o fez despertar para decifrar o mistério. Nesse sentido, revela-se o que se guardava no cômodo mais secreto da casa:

E, o que havia ali, era uma mulher. Era uma velha, uma velhinha - de história, de estória - velhíssima, a inacreditável. Tanto, tanto, que ela se encolhera, encurtara-se, pequenina como uma criança, toda enrugadinha, desbotada: não caminharia, nem ficava em pé, e quase não dava acordo de coisa nenhuma, perdida a claridade do juízo. Não sabiam mais quem ela era, trespisavó de quem, nem de que idade, incomputada, Incalculável, vinda através de gerações, sem ninguém, Só ainda da mesma nossa espécie e figura. Caso imemorial, apenas com a incerta noção de que fosse parenta deles. Ela não poderia mais ser comparada. A Moça, com amor, tratava dela. (ROSA, 2006, p. 100).

Depois de guardar o quarto, alguma coisa fez com que o casal mudasse de ideia e mostrasse o que havia no reservado. Na verdade, havia uma velha de idade tão avançada que nem havia mais noção de seu tempo em vida. As feições da velha são tão estranhas que o seu corpo parecia ter se encolhido com o tempo, na visão do Menino ela havia ficado semelhante a um bebê gigante, mas todo enrugado, desbotado, sem condições de caminhar nem de ficar em pé. Por causa dessa velha, os dois jovens tornavam-se distantes, eles não podiam ficar juntos, pois a moça precisava cuidar dela.

Nenha já ultrapassara a velhice, com idade inacreditável. Que pelas palavras do narrador perpassava “de história, de estória”. As feições não se definiam, a velhice tomava

todo seu corpo, encurtando-lhe os ossos para parecer-se ao tamanho de uma criança, sendo que não se punha em pé, com sua pele enrugada e desbotada. Maria Lúcia Guimarães Faria afirma:

(...) recordar não é relembrar, mas “desdeslembrar”, que equivale a *desesquecer*, suprimindo o sortilégio de se ter bebido da água do rio Letes, o rio do esquecimento, nomeado na estória como o “rio que proíbe o imaginar”. Quando nascemos, necessariamente bebemos do rio Letes e esquecemos tudo o que diz respeito à nossa pátria imemorial. Nascer, portanto, é *deslembrar* uma plenitude originária. (FARIA, 2009, p. 6-7)

E o narrador passa a imaginar a idade, o parentesco com a Moça, a dúvida de que seria tresbisavó de alguém, mas que pelas feições muito adiantadas no tempo não havia como calcular se haveria um familiar vivo pela noção de proximidade que se estabelece no parentesco. Mas a Moça cuidava dela e havia um carinho em tratá-la.

O narrador passa a perceber o Menino e a velhinha, essa relação traz uma voz da experiência, a do Menino em vê-la transmutada de muito tempo de vida, de parecer a morte, uma assombração e a da velhinha que sente os cuidados divididos com o Menino e ela, que percebe nele o medo por encontrá-la e ver seus adiantados anos no rosto e no corpo. Desse modo, o narrador passa a dar atenção à velhinha, descobre seu nome (Nenha), passa a observar as reações dela, a cor, a pele, as rugas, os olhos, tenta comparar com o que conhecia, chegando a associar a um bebê e se surpreende com as feições, a vida está ali, a resistência para viver, a experiência que ele ainda não domina está na velhice. E o narrador reflete a vida humana, associa o homem a uma lamparina que a vida quer apagar. A sabedoria de pessoas mais velhas é essencial e vantajosa para garantir a transmissão de saberes e experiências aos mais jovens.

A Moça tem em seus desejos a permanência da vida, queria se manter cuidando de Nenha, via nela a vida, a existência, a experiência entre a vida e a morte. O que se observa é que os cuidados dispensados com a velha Nenha são quase os mesmos que se faz a uma criança, ela é carregada em um cesto que o narrador chega a associar a um berço. Vai tomar um banho de sol como se fosse levada para um passeio. E o Menino chega a pensar em brincar com ela, esquecendo as condições físicas em que se encontra a anciã. Assim, as relações entre o Menino e Nenha vão se delineando, ele sempre acometido de tentar fazer alguma coisa para alegrar a velha e ter em troca a atenção da Moça. Enquanto isso, a Moça não se descuidava um só momento.

Um modo diferente de se estabelecer a experiência é o silêncio ou a espera. Mesmo que as relações entre o menino e a velhinha sejam de observações, silêncios ou espera, o menino não desiste de continuar com o casal de jovens e não evita mostrar que sua convivência com a velha Nenha pode ser pacífica. É a partir deste convívio que se pode observar que não seria possível compreender os aspectos que compõem as relações entre a infância e a velhice. Percebe-se que diante de todas as adversidades na interação entre os dois, é possível haver uma convivência entre as experiências. É permitida pela sociedade que todos se inter-relacionem com seus padrões de comportamento, de suas limitações físicas, psicológicas ou outros sentidos de viver.

Em “Nenhum, nenhuma”, o menino procura estar atento ao mundo, enquanto que o narrador quer reviver e introjetar uma dinâmica de transformações que se passaram. Portanto, para o menino, a vida adulta no período da velhice é vista como um período de degeneração, principalmente pela perda de sentidos, também pela necessidade de cuidados. É evidente que a tendência em perder os sentidos é mais vulnerável na velhice que na infância, porém isso não significa ao ser humano um momento marcado pelo declínio, involução e degeneração total. Para Ana Paula Pacheco, “O passado apresenta-se para o narrador como um jogo de senhas; reavido o encaixe, o simbólico rebrilhariá. A tarefa

hercúlea de chegar a si mesmo, contudo, não se completa plenamente e as cenas pedem decifração.” (PACHECO, 2006, p. 53).

Sabe-se que o imaginário que envolve a velhice sempre se associa a perdas, seja dos sentidos, das relações, ao isolamento. Diante das crianças, o velho reflete uma imagem negativa, a de que é incapaz de exercer seu papel social por causa da precariedade das condições de vida. Para o Menino em “Nenhum, nenhuma”, envelhecer é crescer, mas se sabe que a velhice se dá em diferentes ritmos, ocorrendo em relação à genética, e da interação social, afetado pelo abandono. Sem contar que diferentes funções no organismo humano vão envelhecendo em diferentes ritmos.

### **3 A memória de Pai Estêvão em *As Filhas do Arco-Íris***

Pai Estêvão é uma personagem dotada de muita experiência e conhecimento popular. Então, narra estórias antigas, contos populares, é considerado o homem mais velho de toda comunidade. Walter Benjamin alerta sobre a experiência do adulto em contraponto à falta de experiência do jovem, destacando: “A máscara do adulto chama-se ‘experiência’. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre a mesma. Esse adulto já vivenciou tudo: juventude, ideais, esperanças, mulheres.” (BENJAMIN, 2009, p. 21).

Em Gurinhatá, Pai Estêvão revela estórias que aprendeu durante toda a sua vida, entre elas: coisas sobre a criação do mundo, momentos da época do Brasil Colônia e causos do arco-da-velha: “Pai Estêvão nem sabe mais quantos anos tem. Da idade do Já-Foi? Ixe. Pai Estêvão tão corcundinha está que nesses dias vai bater com as ventas nos pés.” (LACERDA, 1980, p. 58). Pai Estêvão mantém muitas tradições vivas na memória da comunidade. Através dele, a comunidade aprende causos e estórias misteriosas. Imagina-se que ele saiba de tudo que aconteceu em Gurinhatá, pois participou da fundação e formação da vila, é espantoso seu tempo de vida, da idade do Já-foi. Sobre a questão da memória, Alfredo Bosi destaca: “A memória é o centro vivo da tradição, é o pressuposto de cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da História” (BOSI, 1987, p. 53).

Além de demonstrar liderança sobre os moradores, por ser mais velho entre todos, só Pai Estêvão reconhecia os segredos da vila, isso por conviver, lutar e conhecer as terras brasileiras. Assim, a representação social de Pai Estêvão serve para conduzir atitudes e orientar costumes e tradições. Visa assim dar forma às interações sociais da comunidade e proporcionar um padrão de conduta, isso para constituir uma representação da tradição:

Pai Estêvão nos conta que foi ainda no tempo das Bandeiras. O bêbado Damião é que não se conforma com a estória daquele bandeirante que andou queimando cachaça para amedrontar índio. Um desperdício desse não se faz assim, à toa, e pessoa que procede não comete um crime desse. Funh. Aquilo só poderia ser mesmo o demônio em figura de gente, um anhangüera. (LACERDA, 1980, p. 57).

Muitas estórias de Pai Estêvão são vividas no Brasil Colônia, outras relatam a criação do mundo, as ações de Deus ao criar os animais. Ao contar sobre a formação do Brasil, o ancião recorda o ciclo da cana de açúcar com a queima das plantações para encontrar negros fugidos. Tal fato não agrada o bêbado Damião, que não entende como podiam queimar produto tão precioso, para ele aquilo só ocorria em detrimento da força do demônio em forma de gente.

A oportunidade e o status do velho afetam o comportamento da comunidade, refletem a supervalorização da tradição através de processos populares, da conservação temática em torno da formação do Brasil, a adaptação, circulação e modificação de fórmulas. Segundo Affonso Romano de Sant’Anna: “Narrar é uma forma de sobreviver e afastar a morte. Igualmente em *As mil e uma noites*, as peripécias que Sherazade vai

desfiando noite após noite é o estratagema para postergar a sua morte.” (SANT’ANNA, 2006, p. 10). Pai Estêvão narra seus contos e demonstra resistência para sobreviver. Em suas memórias há a presença de confiança, sabedoria e experiência para fazer a comunidade imaginar um mundo fantástico e esperar que venha outro dia e participar novamente das histórias.

No relato de Pai Estêvão, ele viu de perto os acontecimentos de exploração das terras, a formação de vilas, o ataque aos índios e a caça aos negros fugitivos. Remontando a colonização do Brasil, também encontramos lendas e mitos do nosso folclore. Assim, as histórias representam suas lembranças muito remotas e Pai Estêvão vai contando e tornando-as algo novo cada vez que conta ao seu público cativo:

Todo mundo diz que ele fez um contrato com a Morte para que ela se esquecesse dele. Morreram-lhe todos: mulher, filhos, parentes e o único sobrevivente que resta é a neta (ou bisneta?), a Sinha Rita, que cuida dele e bem entrada em anos também já está. Padre Santo é quem gosta de caçar com Sinha Rita e diz que ela puxou ao avô e já tomou a Morte por comadre. (LACERDA, 1980, p. 58).

Em Gurinhatá, a tradição continua viva, ativa, e os elementos orais são sempre resgatados por Pai Estêvão, suas narrações se perpetuam na voz do menino, e como afirma Hernandez “a palavra tem um caráter sagrado derivado de origem divina e das forças nela depositadas.” (HERNANDEZ apud CHAGAS, 2006, p. 25). Percebe-se no relato de contos, lendas, a presença de mitos, isso revela que os registros da cultura popular se caracterizam pela ação constante nas histórias narradas para a comunidade. Nesse sentido, o corpus do conhecimento elaborado com o saber da tradição é absorvido pelos membros da comunidade, sendo que o conhecimento do velho é dotado pela experiência vivida e por isso é cheio de sabedoria. Segundo Câmara Cascudo, “Entende-se por tradição, *traditio*, *tradere*, entregar, transmitir, passar adiante, o processo divulgativo do conhecimento popular ágrafo.” (CASCUDO, 2006, p. 27). Pai Estêvão representa a tradição e com isso dá o passo para que novas gerações descubram a ciência do saber. Para Serge Moscovici, “Sendo um conhecimento de primeira mão, é um terreno onde nasce e prospera a ciência. Segundo, como soma de imagens mentais e de laços de origem científica, consumidos e transformados para servir na vida cotidiana”. (MOSCOVICI, 1978, p. 85).

As narrativas tradicionais acompanham os homens no decorrer do avanço da idade e que cada um quer manter seus relatos vivos para os que o ouvem. Quando narra suas histórias, Pai Estêvão mantém a comunidade unida, as pessoas não costumam se dispersar para ouvir os causos, histórias do arco-da-velha, mas quando é levado, todos se dispersam ou se dirigem para suas casas:

Sinha Rita vem buscar Pai Estêvão. Hora do velhinho se recolher, tomar o chá de mastruz pra evitar constipação e outros achaques. Contando pra moçada histórias do tempo do arco-da-velha, vô! A resmungar, Pai Estêvão sai corcundinha, levado pela mão de Sinha Rita em direção à casinha de telhado baixo que fica já no fim da rua.

Com a ausência de Pai Estêvão, a turma começa também a dispersar-se. (LACERDA, 1980, p. 61).

As histórias estimulam a curiosidade, as pessoas se mantêm atentas e não querem se dispersar, querem sempre ouvir de novo, mas a contação de histórias se encerra por aquele dia, se não fosse pela interferência de Sinha Rita. Pai Estêvão parece não gostar de ser interrompido e passa a resmungar, reclamar e os ouvintes não gostam da saída dele, isso também acontece com o leitor de *As Filhas do Arco-Íris*, que é atraído pela leitura e o conhecimento de histórias do arco-da-velha. A memória de Pai Estêvão é importante para que a conduta dos moradores da vila seja cheia de costumes.

O maior dom de Pai Estêvão é poder contar sua extensa vida, marcada de observações, tradições e costumes. Nisto, o narrador vai aprendendo a criar frases, lembrar ditos populares, recordar com sabedoria tudo que aconteceu em Gurinhatá. Desse modo, pode-se caracterizar Pai Estêvão como um articulador da tradição oral na narrativa, sendo que o maior beneficiário é o menino da doida que aprende e experimenta desta tradição. A relação do velho com a comunidade envolve uma visão particular de mundo, de um passado que representa suas lembranças, integrado à sua memória e às experiências, constituído de tradições que se inter-relacionam e interagem entre si. Conforme Sivania Chagas:

(...) a tradição oral envolve uma visão peculiar de um mundo considerado um todo integrado em que seus elementos constitutivos se inter-relacionam e interagem entre si. Vale dizer que a tradição oral explica a unidade cósmica, apresentando uma concepção do homem, do seu papel e do seu lugar no mundo, seja ele mineral, vegetal, animal ou mesmo a sociedade humana. (HERNANDEZ apud CHAGAS, 2006, p. 26).

Os relatos de Pai Estêvão se diversificam em contos, mitos, provérbios, histórias da exploração do interior do Brasil. Traz em sua memória uma série de acontecimentos que desafiam o imaginário do menino. Nas calçadas da vila, expõe, durante à noite, suas recordações de viagens e experiências no sertão. Pai Estêvão era figura central:

Agosto é o mês dos bate-papos nas calçadas. Luão paidégua clareando tudo e o vento fresco da noite arrastando folhas na rua. Os alísios. Estória puxa estória e o tempo vai. Pai Estêvão é a figura central. No calçadão da igreja, todos se reúnem, homens e meninos, para ouvi-lo, uma vez que o velhinho já viu coisas do arco-da-velha. Conta até como Deus pôs nome nos bichos. A girafa, por exemplo, por causa daquele pescoço enorme girando, girando, por cima da copa das árvores. O leão foi por causa do rugido: ããã. O cavalo vê-se logo pela cara. Uma ave preta com um andar daquele só podia ser um urubu. E o porco? Um bicho que só come porcaria podia ter outro nome? Pois é, gente, Deus deu o nome a cada bicho pelo que ele é ou pelo que ele faz. Uns, como a cobra, pelas duas coisas. Hein, meu Pai Estêvão, como foi que um bicho ficou com mais de um nome, como o jegue? O jumento, ceguinho, carregou Nosso Senhor no lombo. Sabia ou não sabia? O cego fez que sim e pelo jeito de resmungar via-se logo que ficou na mesma. Chico Mãozinha quer saber agora qual o caso mais importante que Pai Estêvão presenciou ou tomou parte, quando nos tempos de sua mocidade. (LACERDA, 1980, p. 59-60).

O bate-papo nas calçadas, a lua cheia clareando a noite, o soprar do vento na rua espalha as folhas. Quando acontece a mudança no clima, causada pelas chuvas de inverno, Pai Estêvão, figura central, conta para todos, no calçadão da igreja, conta para todos, sem nenhuma distinção, as aventuras do arco-da-velha. Algumas pessoas querem ouvir mais, esperam por mais histórias, mas a noite avança e Pai Estêvão precisará ir embora. Chico Mãozinha, um dos moradores, gostaria muito de saber qual o “causo” mais importante na vida de Pai Estêvão.

As relações entre a infância e a velhice mostram como os personagens apresentam suas experiências de conhecimento e de vida. Considerando os textos analisados, tanto de Guimarães Rosa quanto de Eulício Farias, pode-se ressaltar que seus narradores expõem impressões da infância e ao mesmo tempo destaca personagens que apresentam uma velhice que ultrapassa o tempo, o que ocorre *As Filhas do Arco-Íris* com Pai Estêvão e em *Primeiras Histórias* com a velha Nenha no conto “Nenhum, nenhuma”. O que se pode observar é que o universo de correspondências da narrativa rosiana com a obra euliciana



pode ser aproximado pelas características dos escritores se utilizarem do narrador benjaminiano.

## Conclusão

Ao retomar as lembranças de acontecimentos com outras personagens, o narrador demonstra afetividade e uma íntima relação com pessoas da família (pai, mãe, tio, tia, primo, etc.) e com pessoas do círculo de convivência (doido, bêbado, cego, moço, moça, etc.). Por trás dessa afetividade encontra-se a construção da relação com o “outro”, pois as narrativas de Eulício Farias e de Guimarães Rosa em *Primeiras Estórias* tendem a ser marcadas por momentos lembrados de forma a reconstituir acontecimentos da infância de seus interlocutores. Nesse sentido, as lembranças que envolvem “meninos” parecem ocorrer de situações permeadas pelas relações e vivências afetivas entre as personagens. Assim, as lembranças dos narradores trazem à tona uma relação entre infância e velhice e ao leitor fica o cargo de ver como vivem e o prazer de conviver com momentos de ouvir/contar estórias, “causos”. As cenas evocadas pelo menino da doida em *As Filhas do Arco-Íris* são as lembranças de acontecimentos misteriosos, as ações de Pai Estêvão em “contar estórias”, das brincadeiras com o bêbado, as indagações do cego e as peripécias do doido e em “Nenhum, nenhuma” pela busca da rememoração, da percepção do amor entre o Moço e a Moça e a condição da velha Nenha. O que se percebe nos textos em questão é que a relação com o “outro”, de forma significativa, serve para estabelecer uma situação solidária entre os personagens.

É importante destacar que em “Nenhum, nenhuma”, o menino experimenta e não se abate diante das adversidades, porque ele não desiste de conhecer e de se aventurar no mundo esquecido, desse modo inventa novos desafios em sua jornada. Conforme as mudanças, a curiosidade advém de suas experiências e não teme que os acontecimentos alterem suas expectativas, assim o sentimento de descoberta o anima.

Juventude e velhice são aspectos diferentes da experiência, no entanto a experiência é um elemento central na formação social, principalmente quando se tem como ponto crucial a construção de identidades, da expressão social, o corpo que era cheio de frescor e de sensações agradáveis na juventude fica vagaroso na velhice, cansado, assim o indivíduo vê a possibilidade de perda de suas características diante dos valores sociais, enquanto isso o jovem está atento à dinâmica social, aberto às inovações e transformações do mundo.

Em *As Filhas do Arco-Íris* e em *Primeiras Estórias* apresentam crenças e opiniões em torno da velhice, da experiência e uma revelação quanto à necessidade social em relação aos problemas sofridos por depender de outras pessoas. Dessa maneira, cresce no personagem infantil a consciência quanto o envelhecimento “(...) a Nenha, velhinha, que durava, visual, além de todas as raias do viver comum e da velhez, mas na perpetuidade. (...) A gente cresce sempre, sem saber para onde.” (ROSA, 2006, p. 103) e “Todo o cuidado com o velho é pouco, está ouvindo.” (LACERDA, 1980, p. 42); “Sinha Rita vem buscar Pai Estêvão. Hora do velhinho se recolher, tomar o chá de mastruz pra evitar constipação e outros achaques.” (LACERDA, 1980, p. 61). É necessário destacar que na vida, envelhecer é um processo uniforme, atinge todo ser humano, e não se pode contestar, pois é universal e inevitável. No caso de *As Filhas do Arco-Íris*, as relações entre o velho e o menino parecem entrelaçadas como uma busca de estabelecer um diálogo nos propósitos de os dois contarem e recontarem estórias, de forma a despertar e atrair a atenção e interesse dos moradores da vila e do leitor, respectivamente. Essa aproximação do velho com o menino favorece um entendimento com a comunidade de Gurinhata.

Buscar entender a experiência do menino pode ser também um mistério para o leitor, que se surpreende com a forma em que o narrador se expressa, a própria criança, que encara o universo do adulto e suas relações sociais. O menino, ao vivenciar o mundo adulto, tenta esquecer os problemas para entender o mundo que o cerca. A narrativa podia trazer informações para auxiliar no estabelecimento de um diálogo entre o novo e o velho,

mas o que se desenha ou se comporta gera "concepções distorcidas" do tempo, do espaço, dos seres (personagens). As lembranças do narrador se estabelecem em estereótipos antigos que, muitas vezes, subestimam a sua capacidade de enveredar no universo infantil e nas relações entre o Moço e a Moça, trazendo reações quanto ao relacionamento de seus pais. Como nos lembra Walter Benjamin "E já que a criança possui senso aguçado mesmo para seriedade distante e grave, contanto que esta venha sincera e diretamente do coração" (BENJAMIN, 2009, p. 55).

## Referências Bibliográficas

- \_1] BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_2] BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10ª reimpressão, São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.
- \_3] \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009.
- \_4] BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. IN: *Tradição / Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Furnarte, 1987.
- \_5] CARMELLO, Patrícia. Da não-distância ao infinito: versões do espaço em Guimarães Rosa. IN: *Revista Garrafa*. (PPGL/UFRJ. Online), Ed. nº. 1 - Setembro-Dezembro, 2003. Disponível em: <[www.letras.ufrj.br/ciencialit/imagens/Espaço%20da%20escrita%20\(1\).doc](http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/imagens/Espaço%20da%20escrita%20(1).doc)>. Acesso em 27 de abril de 2012.
- \_6] \_\_\_\_\_. Um Sujeito "Fora das Molduras": A Noção de Indivíduo e a Questão da Subjetividade Moderna. *Revista Garrafa*. (PPGL/UFRJ. Online), Ed. nº 2 - Janeiro-Abril 2004. Disponível em: <[www.ciencialit.letras.ufrj.br/ensaios/carmello\\_camillo.doc](http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/ensaios/carmello_camillo.doc)>. Acesso em 27 de abril de 2012.
- \_7] CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 3ª ed., São Paulo: Global, 2006.
- \_8] CHAGAS, Silvania Núbia. *Nas fronteiras da memória: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares que se cruzam*. 2006. 161 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02102007-153007/pt-br.php>>. Acesso em 9 de agosto de 2011.
- \_9] FARIA, Maria Lucia Guimarães de. *MEMÓRIA E INFÂNCIA: "Nenhum, nenhuma", de Guimarães Rosa*. IN: *Revista Garrafa*. (PPGL/UFRJ. Online), Abril-Junho, Ed. nº 18, Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Disponível em: <[http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa18/memoriaeinfancia\\_marialuciaguimaraes.pdf](http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa18/memoriaeinfancia_marialuciaguimaraes.pdf)> Acesso em 11 de maio de 2012.
- \_10] LACERDA, Eulício Farias de. *As Filhas do Arco-Íris*. São Paulo: Ática, 1980.
- \_11] MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978.
- \_12] PACHECO, Ana Paula. *O lugar do mito: Narrativa e processo social nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa*. São Paulo: Nankin, 2006.
- \_13] RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- \_14] ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 2003.
- \_15] \_\_\_\_\_. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- \_16] SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A cegueira e o saber*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.